

## A CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN E SUA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor (1); Marta Lúcia Ferreira da Silva    Co-autor (1); Gabriela Cristiana das Chagas  
Campos de Oliveira , Co-autor (2); Marisa de Souza Vasco .  
(Universidade Paulista –UNIP)

**Resumo:** Este estudo investiga a inclusão de crianças com Síndrome de Down na educação infantil em duas escolas públicas do Distrito Federal, destacando os benefícios da estimulação no desenvolvimento dessas crianças, a partir do trabalho pedagógico realizado. O objetivo foi analisar o processo de inclusão de crianças com Síndrome de Down nas escolas públicas do estado de Goiás no município de Novo Gama e na cidade de Taguatinga no Distrito Federal; os objetivos específicos foram verificar os recursos que podem ser utilizados na Educação Infantil do Ensino Fundamental; realizar uma escuta sensível das crianças com Síndrome de Down, auxiliada pelos pais; comparar as competências de um grupo de crianças com Síndrome de Down e outro grupo de crianças típicas, ao realizar uma atividade de aprendizagem na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Síndrome, Inclusão, Família.

### INTRODUÇÃO

As crianças com Síndrome de Down apresentam atraso intelectual e afeta a evolução do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas. No Brasil, a média de nascimentos é de uma criança com SD, para cada 700 nascimentos, isso implica uma média de 120 mil brasileiros com SD.

A Síndrome de Down (SD) pode ser considerada um acidente genético cromossômico, que ocorre no par do cromossomo 21, com a presença de um cromossomo extra.

Sabemos que a deficiência intelectual é o fator principal de diferenciação, mas a integração e os estímulos são um marco decisivo no seu processo de ensino-aprendizagem.

Na visão de Buckley e Bird (1998), as escolas inclusivas têm alcançado uma melhora positiva, mostrando que a convivência com a diversidade é de extrema importância e assim todos se tornam mais preparados para enfrentar os percalços da vida. É necessário mostrar que a Síndrome de Down não é uma doença, mas sim uma deficiência intelectual que, as crianças com esta síndrome, se estimuladas, seu desenvolvimento será alcançado de forma gradativa.

Uma das etapas de vivências sociais que uma criança enfrenta é a entrada na escola, que é um marco na vida de qualquer criança. Observa-se, entretanto que, na escola regular, não há tanto conhecimento em relação à Síndrome de Down por parte dos docentes, pois muitos infelizmente não estão preparados para desenvolver um bom trabalho pedagógico,

devido à falta de cursos direcionados à área de capacitação para esses docentes que estão exercendo seu papel de educador.

Com isso, as crianças síndrômicas, muitas vezes não conseguem acompanhar o ritmo dos outros colegas, causando um retrocesso no desenvolvimento das habilidades sociais, o que pode fazer com que muitos fiquem nervosos e não queiram mais frequentar a unidade escolar, causando o isolamento de alguns.

**O objetivo geral** é analisar o processo de inclusão de crianças com Síndrome de Down nas escolas públicas. E os objetivos específicos são: verificar os recursos que podem ser utilizados na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

## **REFERENCIAL TEÓRICO - SÍNDROME DE DOWN (OU TRISSOMIA DO 21)**

O corpo humano é formado pela divisão de uma célula fertilizada, que é chamada zigoto ou óvulo. Desta maneira, a célula divide-se de forma contínua formando partes específicas. Na constituição do ser humano, há uma estrutura, os cromossomos, que são longas sequências de DNA (ácido desoxirribonucleico), que contêm diversos genes e outras sequências de nucleotídeos.

Nos seres humanos, os cromossomos são de 46, sendo 22 pares combinados, que são formados do pai e da mãe, mais dois cromossomos sexuais.

O conjunto de cromossomos é denominado genoma, demonstrado por Cunningham (2008) em seu livro “A construção dos cromossomos”.

Na espécie humana, portanto, há 23 pares de cromossomos, sendo 22 pares de cromossomos autossômicos (que determinam as características comuns e um par de cromossomos alossômicos, que determinam o sexo do indivíduo (XX mulher e XY homem). Segundo Griffiths et al (2009).

Anomalias cromossômicas podem aparecer por erros durante a segregação celular ocasionando o surgimento de síndromes genéticas. Tais síndromes podem ocorrer por alteração do número, do tamanho ou do ordenamento de partes dos cromossomos. Em humanos as mais comuns são: a síndrome de Down (trissomia do 21), a síndrome de Turner, a síndrome de Klinefelter, síndrome de Patau (trissomia do 13) e a síndrome de Edwards (trissomia do 18).

1. Trissomia simples (padrão) é quando a pessoa possui 47 cromossomos em todas as células, ocorrendo em cerca de 95% dos casos. A causa da trissomia simples do cromossomo 21 é a não disjunção cromossômica.

Translocação é um cromossomo extra do par 21 que se separa e liga-se a outro cromossomo não homólogo, causado pela hereditariedade, ou seja, a translocação advém do pai ou da mãe que possui a trissomia. Nesse caso, o indivíduo que tem 46 cromossomos é portador da Síndrome em cerca de 3% dos casos.

Mosaico é a alteração genética que compromete apenas parte das células, ou seja, é quando há uma mistura de células e um percentual delas possui a trissomia do 21 e o outro percentual não possui a trissomia, isto é, algumas células têm 47 e outras 46 cromossomos. Isso ocorre em cerca de 2% dos casos. ( MOVIMENTO DOWN, 2012).

Essa anomalia dá-se em 5% dos casos confirmados, mas Brunoni (1999) afirma que ocorre com 1,5 a 3% dos casos e o mosaico é considerado por um grupo menor no qual as células trissômicas aparecem ao lado de células normais.

## **A POLITICA EDUCACIONAL DE INCLUSÃO NO BRASIL**

### **Breve histórico da Educação Especial**

A assistência às pessoas com deficiência no Brasil começou na época do Império, com a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje chamado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, no Rio de Janeiro.

No começo do século XX, foi criado o Instituto Pestalozzi (1926), instituição que atende às pessoas com deficiência mental; em 1954, foi fundada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, que hoje existe em todo o Brasil; e, em 1945, é criado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff.

Na fase da exclusão, essas crianças eram sacrificadas ou abandonadas porque eram consideradas “mongóis”. Havia muito preconceito e as pessoas achavam que não era necessário inserir uma criança assim na escola. A casa era o refúgio delas.

Houve então um pequeno avanço, a partir da década de 1960, quando se iniciou a implantação de um projeto, para que essas crianças frequentassem a rede regular de ensino. Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

A LDB nº 5.692/71 apontou o público alvo da educação especial, como dispõe o Art. 9:

“Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação” (BRASIL, 1971).

### **A inclusão de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil**

A educação infantil é a melhor etapa para incluir os estudantes com deficiência no sistema regular de ensino, pois a educação é para todos, e os docentes precisam estar preparados para ensinar essas crianças, fazendo uso de metodologias variadas nesse processo de ensino aprendizagem, como, por exemplo, usar o cotidiano para que sejam inseridas novas práticas de aprendizagem e se valendo das atividades lúdicas para que as crianças alcancem um bom desenvolvimento.

Para Piaget, os indivíduos nascem com um potencial para aprender, o que deve ocorrer são estímulos advindos do meio em que vivem. Piaget aborda que o estímulo, encarado como uma estrutura, pode ser assimilado pelo indivíduo por meio da capacidade de aprender.

Barbel Inhelder (1963) realizou um estudo sobre o funcionamento cognitivo das pessoas com deficiência para detectar o retardo, observando um grupo de pessoas e suas manifestações e oscilações, detectando três tipos: i) um que se caracteriza por um raciocínio que marca um progresso durante o período; ii) outro, por oscilações simples entre dois níveis de raciocínio; iii) e o último, o raciocínio marca um retorno durante a interrogação do sujeito.

No entanto, para que crianças com SD tenham um bom desenvolvimento, muitas vezes, é necessário apoio psicológico para o desenvolvimento das características cognitivas, além de outras do próprio suporte da escola em que está, que proporcionem interação, pois no que consiste à memória de curto prazo, é preciso fazer uso do concreto, dos jogos, do material lúdico, para que seus reflexos sejam mais bem desenvolvidos. Então, é imprescindível um apoio do educador, juntamente com outros colegas, pedindo colaboração, reforçando nos exercícios, e procurando utilizar mais o concreto.

**O processo de ensino-aprendizagem e o papel da família, da escola e dos profissionais da saúde**

O objetivo de estudar o processo de ensino-aprendizagem com crianças Down e seus aspectos gerais, de acordo com a literatura específica de Deficiência Mental (DM), permite pensar em um processo de aprendizagem e seus avanços.

Com o esforço e exercícios feitos com passo-a-passo são elaborados novos conceitos para o desenvolvimento desse conhecimento que tem por influência o intelectualismo.

Foucault (2000) aborda e faz uma análise descrevendo a razão ou sua ausência, que era conhecida como insanidade ou saúde mental. No início do século XX, a insuficiência intelectual é abordada em primeiro plano, realizando uma análise em todos os aspectos. Vygotsky (1997) mostra a necessidade de submeter a criança com DM a uma investigação. O escopo é esclarecer a deficiência e suas alterações psíquicas.

Dentro desse processo, alguns estudiosos, como Mustacchi e Rozone (1990) e Schwartzman (1999), abordam a criança com Down, que é vasta, mas com algumas delimitações e descrições ligadas à saúde e à orientação para pais e professores que se dedicam sobre o assunto e suas características físicas e intelectuais com criança com SD.

Esses estudiosos são unânimes em entender como ocorrem esses fatores. Segundo Lefèvre (1988, p. 42), o cérebro de uma criança Down está sempre em processo de amadurecimento e essa Síndrome não ocasiona pioras, mas leva a melhoras progressivas, quando são oferecidos estímulos.

Quem trata também desse processo de estimulação é Werneck (1995), que mostra que os estímulos devem vir acompanhados de um nível de amadurecimento e que seu desenvolvimento é uma marcha e vive em constante processo. O que deve ser feito é uma análise e dissolver os conteúdos para ser aplicado em mais tempo, pois estudos mostram que é possível desenvolver uma boa aprendizagem em que há um forte reconhecimento de habilidades diferenciadas.

Segundo Bastos, o portador da Síndrome de Down é capaz de compreender suas limitações e conviver com suas dificuldades e têm autonomia para tomar iniciativas, não precisando que os pais digam a todo momento o que deve ser feito.

A autora Maria Antonieta Machado de Almeida, em seu livro “Inclusão de Crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil” (2004), procurou buscar maneiras para que famílias que tinham pessoas especiais, principalmente com Síndrome de Down, fossem bem atendidas e não deixassem essas crianças isoladas.

No Brasil, a educação inclusiva está garantida na Constituição no artigo 5º, que diz que todos são iguais perante a lei e todos possuem o direito à vida, à liberdade, à igualdade e à segurança.

## **Justificativa**

A inclusão de crianças com Síndrome de Down na rede regular de ensino é um direito; no entanto, a dificuldade que muitos relatam é a diferença cronológica que pode ocorrer com essas crianças, pois a criança com síndrome de Down tem idade cronológica diferente da idade funcional.

Perrenoud (1993) diz que essa necessidade é importante na formação inicial do professor, assim como Mazzota (2003) atenta que essas necessidades especiais dos alunos, independentes de serem especiais ou não, são especiais em sua singularidade.

Staimback e Staimback (1999) abordam que é importante esse ciclo de amizade conquistada, o interesse e o apoio mútuo em uma sociedade inclusiva.

Isso demonstra que uma criança com Síndrome de Down, sendo bem estimulada, trabalhada, aprende a ler e escrever entre sete, oito, até nove anos de idade. Desta forma, é necessária uma organização e preparação para receber essas crianças.

Já há formação adequada para que professores possam ser orientados a entender as necessidades específicas e ensinar com sensibilidade. São muitas as razões pelas quais uma criança com Síndrome de Down é inserida e tem a oportunidade de frequentar uma escola comum. Várias pesquisas têm sido publicadas sobre as capacidades dessas crianças com potencial de serem incluídas com sucesso.

## **Metodologia**

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas da rede pública de ensino uma localizada no Novo Gama, Goiás e na Escola Classe Taguatinga Norte- DF, o nível social dessas pessoas não se diferencia muito, as duas cidades fazem parte do entorno do DF, que apresenta também fatores parecidos.

Os sujeitos da investigação foram alunos com Síndrome de Down, tomado como figura central o espaço escolar. O grupo com o qual a pesquisa foi desenvolvida é composto por 10 crianças da rede regular de ensino no município de Novo Gama, no Goiás, e na cidade de Taguatinga, no Distrito Federal, em Brasília.

As ferramentas utilizadas na pesquisa foram os questionários com os docentes e estudantes. Foi realizada uma entrevista com as crianças que têm Síndrome de Down, auxiliadas pelos pais. Os professores também participaram da entrevista, porém com questionários diferentes. Atividade de observação do desempenho das crianças com Síndrome

de Down e das crianças típicas normais. O exercício desenvolvido com as crianças, foi uma atividade com peças para montar um quebra-cabeça para que as crianças conseguissem desenvolver e montar, com o tempo sendo observado. Foram montados dois grupos compostos por 5 crianças para que fosse analisado o tempo entre cada grupo de crianças, um com Síndrome de Down e outro com crianças com desenvolvimento típico normal.

Cada docente acompanhou um grupo, observando e mantendo o controle entre os grupos. As crianças da rede regular de ensino que participaram da pesquisa foram autorizadas pelos seus pais, com o acompanhamento de alguns que pediram para observar. Houve um critério de avaliação observando-se o desempenho de cada grupo e o tempo para realizar a atividade, sendo assim a participação de todos nesse projeto foi de extrema importância.

O tempo estipulado foi de 20 minutos para cada grupo, e após esse tempo foram analisados os resultados de cada grupo. O grupo de crianças com Down conseguiu montar todo o quebra-cabeça, faltando 5 peças para a conclusão; já para o grupo de crianças com desenvolvimento típico faltaram 2 duas peças.

A pesquisa foi desenvolvida no próprio ambiente escolar, em uma sala tranquila, livre de barulho e da presença de pessoas que pudessem atrapalhar.

As crianças participantes foram avaliadas no horário contrário da aula para não atrapalhar seu desenvolvimento em sala, por isso, os pais colaboraram levando-os para realização do estudo, respeitando o direito de cada um. A pesquisa foi realizada em horários em que os mesmos se encontravam disponíveis.

## **Resultados e Discussões**

O motivo de escolher esses pequenos para esta pesquisa foi definido por meio de conversas com docentes da rede e pelo interesse deles em conhecer mais sobre essas crianças que, tendo apoio e orientação, seguem se desenvolvendo normalmente dentro de suas limitações e, junto com outras crianças de desenvolvimento típico, quando realizam as mesmas atividades.

O que mais chamou à atenção nessa entrevista que foi feita com alunos e mães, é que eles se sentem meio que soltos fora do contexto escolar e assim alguns acabam desmotivados e alguns pais também questionam que é difícil ficar locomovendo de um lugar para o outro, mas que não vão deixar de maneira nenhum de seus filhos fora da unidade escolar, pois eles precisam se socializar com outros colegas da turma, fazer novos amigos dentro da unidade escolar.

Essa entrevista foi realizada na escola Estadual Novo Gama Entorno de Brasília, com alunos com síndrome de Down, e a colaboração dos pais, mostrando todo interesse nesse processo de construção e conhecimento.

No que se refere, a montagem do quebra cabeça pelas as crianças O docente que estava acompanhando as crianças relatou que houve uma demora em relação às outras crianças da turma. Alguns com a Síndrome conseguiram sobressair-se mais rápido que outros, que também possuíam a Síndrome, e isso mostra que é basilar a estimulação. Segundo Del Prete e Del Prete (2005), as crianças não se desenvolvem igualmente.

O que cada docente percebeu foi que, se as crianças com síndrome de Down fossem estimuladas no tempo certo, iriam desenvolver-se com o mesmo potencial das outras crianças, como aborda Piaget, o essencial é como se é estimulado, cada criança pode desenvolver grandes habilidades e mostrar seu potencial.

A pesquisa foi desenvolvida no próprio ambiente escolar, em uma sala tranquila, livre de barulho e da presença de pessoas que pudessem atrapalhar. As crianças participantes foram avaliadas no horário contrário da aula para não atrapalhar seu desenvolvimento em sala, por isso, os pais colaboraram levando-os para realização do estudo, respeitando o direito de cada um. A pesquisa foi realizada em horários em que os mesmos se encontravam disponíveis.

#### **Quadro 1- Perfil dos participantes da pesquisa- atividade**

<b>CRIANÇA</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>SÉRIE</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>
SD	PÚBLICA	1ª	M	7
DT	PÚBLICA	1ª	M	6
SD	PÚBLICA	2ª	F	8
DT	PÚBLICA	2ª	F	9

Fonte: elaborado pela pesquisadora (2017)

Após todo o procedimento de coleta de dados, cada docente respondeu sua pesquisa em média em 20 minutos, e os alunos por meio do quebra-cabeça para montar, descrevendo o tempo do desdobramento de cada grupo. Foram utilizados em sala de aula objetos concretos para que essas crianças fossem estimuladas e usassem os seus sentidos táteis e sensitivos. O que foi observado dentro da pesquisa e coletado foi que as crianças com Down têm um pequeno atraso em relação às outras crianças. Porém, isso não é impedimento para que esses

pequenos, que estão em processo de construção, não consigam atingir um nível de entendimento.

O essencial é o apoio da família no processo de estimulação precoce, pois essa criança pode chegar em um nível de aprendizagem tão bom quanto os de desenvolvimento normal. O docente que estava acompanhando as crianças relatou que houve uma demora em relação às outras crianças da turma. Alguns com a Síndrome conseguiram sobressair-se mais rápido que outros, que também possuíam a Síndrome, e isso mostra que é basilar a estimulação. Segundo Del Prete e Del Prete (2005), as crianças não se desenvolvem igualmente.

O que cada docente percebeu foi que, se as crianças com síndrome de Down fossem estimuladas no tempo certo, iriam desenvolver-se com o mesmo potencial das outras crianças, como aborda Piaget, o essencial é como se é estimulado, cada criança pode desenvolver grandes habilidades e mostrar seu potencial.

Quanto às outras crianças de desenvolvimento típico verifica-se que é basilar também o incentivo para conseguir desenvolver seu potencial, uma vez que, se não estimulado, seu processo de ensino-aprendizagem não alcança um bom resultado. Concluindo, sabemos que a criança com Down necessita de mais estímulo, mas o de desenvolvimento típico exige também sua parcela de estímulo. Nesse estudo que foi realizado observou-se que quanto mais estímulo, melhor o desenvolvimento.

## **CONCLUSÃO**

O foco deste estudo foi conhecer as crianças com Síndrome de Down incluídas numa Escola de Educação Infantil pública e verificar se nesse contexto, está sendo realizada a inclusão das crianças com Síndrome de Down e como esta inclusão ocorre.

Conclui-se que é preciso ter recursos humanos e materiais na Educação Infantil, para estimular essas crianças, mostrando por meio do estímulo que é possível avançar e não causar reflexos negativos nessa etapa, que é primordial na vida de uma criança com a Síndrome de Down.

O apoio dos seus familiares no processo de transição das mesmas na inclusão da rede regular de ensino é fundamental. A facilidade ou a dificuldade que essas famílias enfrentam deve ser do conhecimento da escola e o esforço realizado durante esse processo de inclusão, planejando e criando novas maneiras de incluir esses pequenos, devem ser compartilhados com os pais.

Essa parceria escola família é fundamental para auxiliar essas crianças, que se tornarão adultos e poderão futuramente ser inseridos no mercado de trabalho. Sabe-se que o caminho é árduo, porém essas adversidades podem ser desmistificadas e entendidas, pois, se há um estímulo, esse processo de ensino-aprendizagem pode chegar a um ponto positivo, em que essa criança se torne um adulto incluído no sistema escolar e assim possa frequentar todos os ambientes.

No entanto, também se notou que a criança que não tem esse apoio, demora mais para alcançar um resultado, pois, como já foi citado, é uma tarefa que exige esforço dos pais para chegar a falar sem dificuldade, andar e realizar outras atividades que se deixadas de lado prejudicarão a criança em seu desenvolvimento.

Concluiu-se que a estimulação precoce é importante, o professor da educação infantil necessita estar mais bem preparado para atender as crianças com Síndrome de Down e o apoio da família é essencial nesse processo de construção.

## **REFERÊNCIAS**

BASTOS, Ana Patrícia Beltrão. **Processo de inclusão dos portadores de Síndrome de Down**

disponível em: <<http://www.pedagobrasil.com.br/educaçãoespecial/processodeinclusão.Htm>>  
. Acesso em: 20 jun. 2016

BRASIL, MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL FUNDAÇÃO Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva organizadores. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular.** Brasília

CUNNINGHAM, C. **Síndrome de Down: uma introdução para pais e cuidadores.**

Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed,2008.

MAZZOTA. Marcos José da Silveira. **Deficiência, Educação Escolar e necessidades especiais: reflexões sobre inclusão socieducacional,** 2003.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

WERNECK, Claudia. **Muito prazer, eu existo.** Rio de Janeiro: WVA, 1993.



WERNECK, Claudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Down**. 2. ed. São Paulo. 2003.